

**ABGAR RENAULT**

# NOTAS PARA O *ITINERÁRIO DE SOFOTULAFAI*: ABGAR RENAULT E O MODERNISMO

*Solange Ribeiro de Oliveira\**

## RESUMO

**D**estacando elementos para a elaboração de uma biografia literária de Abgar Renault, este estudo detém-se especialmente no processo de textualização do vivido que assinala a transição da produção inicial do poeta para um estilo marcado pela herança do modernismo. Simultaneamente, propõe a leitura do conjunto dos nove livros de *Obra poética* como um texto pós-moderno, que inclui o pastiche de sucessivos momentos da poesia brasileira no século XX.

**Palavras-chave:** Abgar Renault; Biografia Literária; (Pós-)Modernismo.

**A**bgar Renault, cujo centenário de nascimento foi celebrado em 2001 pelas duas Academias de Letras a que pertenceu – a Brasileira e a Mineira – não nos deixou um relato completo de sua trajetória poética. Limitou-se a breves comentários, entre os quais uma entrevista gravada para a Academia Brasileira e um depoimento citado abaixo. Caso tivesse existido, sua autobiografia literária bem poderia ter-se intitulado *Itinerário de Sofotulafai*, em alusão ao “estranho, extraordinário poema de sabor clássico/vanguardista”, “Sofotulafai”, “que por si só consagraria um autor”, como quer seu amigo Carlos (o nosso Carlos Drummond de Andrade). Se não o fez o próprio Abgar, cabe a seus leitores compor sua biografia literária.

A tarefa promete ser variada, graças às contínuas mudanças de rumo, na arte (e na vida) do autor. Sua *Obra poética*, seleção feita por ele próprio, reúne em um único volume nove livros, resultantes dos poemas que sobreviveram à sua áspera autocrítica. Fruto de sete décadas de produção, impressionam, entre tantas razões, pela

---

\* Professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais.

diversidade estilística e pela relação, oblíqua mas inegável, com a experiência concreta de seu criador. Livros e vida se confundem, da vivência amorosa e familiar à do homem público, professor e educador, intelectual mineiramente envolvido no mundo do poder, representante do Brasil em encontros internacionais. Refratando, de muitas formas, essas múltiplas vivências, os nove livros podem ser lidos pelo leitor atual como um amplo mostruário pós-moderno, mosaico de etapas marcantes da poesia brasileira no século XX – neo-barroquismo, romantismo, parnasianismo, simbolismo, modernismo, concretismo... Transcendendo “ismos”, o grande texto, em sua multiplicidade, conserva uma paradoxal unidade, garantida por um tom muito próprio, um conjunto de traços recorrentes que, em outros trabalhos, tentei analisar sob o rótulo de estética da privação (cf. Oliveira, 1996, p. 9-32; set., 2001, p. 17-32). Soando já nos versos de juventude, essa voz poética, que não se define pela soma de seus diversos tons, reverbera até a maturidade e a velhice, mantendo-se reconhecível em suas variações.

A tarefa de escrever uma biografia literária que acompanhe tal percurso pode ser muito facilitada pelo exame de dois grossos cadernos legados pelo poeta a seu sobrinho, o professor Affonso Henrique Tamm Renault, que generosamente me permitiu consultá-los. Para efeito de referência, denomino-os Caderno I (com material de 1919 a 1925) e Caderno II (de 1925 a 1967). Os cadernos incluem dezenas de recortes de periódicos mineiros e cariocas, colecionados pelo poeta durante meio século, de 1918 a 1967, quando, Ministro do Tribunal de Contas, afastou-se de Belo Horizonte. Pastilhas de um mosaico vivido e escrito, os textos colados nos cadernos lembram a longa reflexão de Antoine Compagnon sobre as estratégias de recorte e colagem, implícitas no processo de criação e citação literária. Entre os recortes, além da juvenilidade e de poemas muitas vezes reescritos, encontra-se grande variedade de textos em prosa, de e sobre Abgar, testemunhos de suas atividades e da vida social e intelectual em Belo Horizonte e na terra natal, Barbacena.<sup>1</sup> Cotejados com **Obra poética**, e complementados pelo testemunho de familiares e amigos, os recortes oferecem material riquíssimo para um retrato pessoal e literário, na moldura de seu espaço/tempo.

Eu própria já me aventurei por esses caminhos, instigada pela correlação entre a trajetória poética de Abgar e sua longa vida. Como exemplo, tomo um frustrado amor adolescente, que, transubstanciado em poesia, cristalizou-se em **Sonetos antigos**, segundo livro de **Obra poética**.<sup>2</sup> Releitura do barroquismo e de alguns tex-

---

<sup>1</sup> Parte desse material nunca foi incluído em livro. Muitas vezes, ao recortar e colar em um dos cadernos o texto publicado, o autor eliminou o número da página, e, com menos frequência, o nome do periódico, o que impede a indicação desses dados. Tendo isso ocorrido com o poema “Habeas Corpus”, indico apenas a página da coletânea (Caderno II) onde foi colado o recorte de jornal.

<sup>2</sup> Estudei essa relação em “Pastiche Pós-Moderno. A poesia de Abgar Renault” Suplemento Literário do **Minas Gerais**, n. 83. Belo Horizonte, maio, 2002. “Textualização do vivido e pastiche pós-moderno: Sonetos Antigos de Abgar Renault”. In: **Minas Gerais** (Suplemento Literário). (No prelo).

tos camonianos, os sonetos têm também interesse biográfico. Como tantas outras criações, ilustram a curiosa alquimia que transfunde experiência vivida em realização estética. Aliados à convenção da dama petrarquiana, os rasgos do barroco, suas antíteses, paralelos e oxímoros, adequam-se a uma história, real em sua essência, cujo protagonista é Abgar adolescente, dividido entre as esperanças e os desalentos de uma paixão por certa jovem mineira. Tive a oportunidade de fazer um trabalho semelhante com o segundo livro de **Obra poética, A princesa e o pegureiro**. Dessa vez, a dupla associação, com a arte e a vida, articula o simultâneo encontro do autor com o Simbolismo e com Ignez Brant, a futura esposa (Oliveira, 2002, p. 133-134).

A mesma confluência de experiências poéticas e biográficas caracteriza os primeiros contatos com o Modernismo. O encontro foi difícil e ambíguo, já que, a princípio, Abgar recebeu com resistência o movimento de 22. É ele quem o diz:

Para ser exato, direi que, de início, não me despertou entusiasmo o movimento modernista (...) [R]ecebi-o inicialmente como um processo de alteração, ou melhor, de destruição formal (...) Deve ter contribuído e muito, para essa postura, a minha formação rigidamente parnasiana (...) Além disso, na época (...) eu namorava a moça com quem tive a felicidade de casar-me e o que me interessava era escrever cousas que lhe agradassem e a comovessem... Nada mais importava para mim (44)... (Renault, in: Oliveira & Renault, 1996, p. 33-50)

A integração de arte e vida não poderia estar mais explicitada do que nesse depoimento: Abgar atribui seu desinteresse inicial pelo Modernismo ao desejo de não contrariar o gosto da namorada, certamente apegada a padrões estéticos convencionais. De um modo geral, eles dominam o livro de namoro e noivado, **A princesa e o pegureiro**, que abre **Obra poética**. Há outra razão, de caráter literário. Trata-se, como no caso de **Sonetos antigos**, da integração de tema e arcabouço formal. Em **A princesa e o pegureiro**, o Simbolismo revela-se fórmula ideal para a transição da fantasia à realização amorosa. O estilo difuso, pontilhado de vagas referências e imagens etéreas, assenta como uma luva ao processo de “corporal iluminação”, que lentamente deixa vislumbrar, na idealização, a promessa da plenitude. Não é coincidência que o último poema, acrescentado ao livro mais de meio século depois, tenha um estilo muito diverso, despojado, quase severo, em sua emoção contida: “Sessenta anos” não celebra a conquista, mas a sexagenária união conjugal, feliz em suas inevitáveis dores.

Pois, como se vê, o pegureiro conquista sua princesa. Casa-se com ela, e – o que mais interessa a este retalho de biografia literária – mudando de vida, muda de estilo.

Mas não convém antecipar. Em 1926, casado, Abgar prossegue com as atividades que já tinha iniciado, como professor, poeta e cronista. A realização amorosa, a consolidação profissional, o reconhecimento como escritor, tudo ocorre ao mes-

mo tempo. Até a política parece sorrir-lhe. Em 1927, Abgar é eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano Mineiro. Seus múltiplos sucessos são celebrados pelos jornais da época, em textos conservados nos cadernos de recortes.

Tantas mudanças coincidem com uma guinada estética em direção à modernidade. Como já fizera com a máscara barroca, ao renunciar à namorada juvenil, Abgar desafivela agora a do pastor enamorado. Com o cajado e o bordão, afasta os véus do Simbolismo. Dispensa os contornos difusos, os prolongados efeitos musicais, o tom lânguido, as imagens rebuscadas, a idealização erótica, presentes nos poemas de noivado. A expressão enxuta, o verso livre, a ausência de rimas, integram seu novo estilo. Assinalando mais uma vez o cruzamento de vida pessoal e realização poética, a metamorfose evidencia-se no poema “Felicidade”, celebração de uma etapa venturosa, que inclui o casamento recente e o nascimento do primeiro filho, em 1927. Em outubro do mesmo ano “Felicidade” é publicado na revista **Verde** a convite de seus diretores, Guilhermino César e Rosário Fusco.

Marco do Modernismo em Minas Gerais, a revista merece ser lembrada. A respeito, destaco um texto, curioso também pelo estilo e ortografia de outros tempos, conservado nos recortes de Abgar. Assinado por A. C. e publicado no **Diário de Minas** de 5/11/1927, trata do impacto inicial de **Verde**. Com provinciana modéstia, A. C. ratifica o julgamento de “outras columnas mais autorizadas do Rio e São Paulo”. Declara que a nova revista de arte e cultura,

lançada por “meia dúzia de rapazes desabusados” em Cataguases, no interior de Minas, “é nada menos que uma revista de vanguarda, atestando, de maneira escandalosamente inedita, o grau de cultura a que já atingiu toda uma geração de creanças crescidas de uma cidade da Zona da Mata” (...) formam “o agrupamento literário mais interessante do Estado” (...) “o único realmente coeso”.

São proféticas as palavras de A. C.: no segundo número da revista, figuram, ao lado dos “moços de Cataguazes”, Mário de Andrade, Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Abgar Renault e outros, enquanto o terceiro número (1926) soa como um verdadeiro *who's who* do movimento modernista, incluindo, entre outros, os nomes de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Pedro Nava e o próprio Abgar.

A repercussão de **Verde** seria bem maior do que fariam crer os escassos cinco números publicados. Outra crônica jornalística, assinada por Henrique de Rezende, atribui seu sucesso ao gosto e à persistência de seus fundadores. “[N]ão obstante a chacota dos velhos e a indiferença dos que leem”, “procuraram reunir em torno da brilhante revista cataguazense os mais notáveis e curiosos nomes da moderna geração brasileira de intelectuais” (Rezende, 1932).

É **Verde** que publica “Felicidade”, exemplo do novo estilo de Abgar, enquanto outro poema seu, “Balada triste”, aparece na **Revista de Antropofagia** de

Mário de Andrade, também em 1927.<sup>3</sup> Que maior consagração poderia esperar o recém-convertido adepto do Modernismo? Pois a conversão ocorreu, embora relativa. Abgar sempre manteve certa distância das modas literárias. O mais interessante em sua nova postura é a reticência, a ambigüidade, a bem-humorada ironia, sobretudo a auto-ironia, de sua afiliação. Ela salta à vista no interessantíssimo “Habeas Corpus”, “poema mui sincero de adesão ao Modernismo”, publicado no *Diário de Minas* de 25 de maio de 1927 e dedicado a Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus e Emílio Moura.

O texto é precedido por uma introdução, com o pseudônimo de Martim Pescador, provável criação do autor implícito, que simultaneamente aplaude e ironiza a grande revolução literária dos anos vinte e seu neófito. Segundo essa voz, o Modernismo subverte

Toda a nossa architectura literaria, obrigando as “convicções ‘passadistas’ a permitir que as convicções modernistas tambem occupassem um lugar ao sol” (...) “as hostes libertarias se avolumam dia a dia com prestigiosos elementos do campo adverso (...) Um caso typico é o de um jovem poeta e prosador da ‘direita’, queridissimo das elites mentaes do nosso Estado e mesmo do Rio, culto, intelligente, polido, e que acaba de passar com armas e bagagens para a phalange modernista”.

No mesmo tom, Martim Pescador convoca um Tribunal de Letras para julgar o pedido de “Habeas Corpus”, “do sympathico intellectual”, cedendo em seguida a palavra à persona poética. Sem perda de tempo, essa descreve o novo horizonte estético. Eclipsou-se a lua romântica, levando consigo a parafernália romântico-simbolista: “Noite escura. Noite sem lua. Noite sem estrelas. Noite sem céu. Noite sem coisissima nenhuma. Uma noite rebimba!”.

Segue-se o inventário da bagagem a ser descartada, como exige o novo panorama. Lá se vão antigos modelos, poetas, prosadores, historiadores, filósofos, gramáticos, dicionários, enfim

Livros. Livros. Livros toda a vida.  
Sabedorias “à la minute” para todos os paladares.  
Sabedorias: Oquidões irremediáveis. Confusões. Chãos.  
Cocktails de linguas, papéis, typos e estylos. Que falta me fazem aqui umas traçazinhas!  
Meus velhos livros me olham. Enigmaticos. Com as palavras cruzadíssimas nos olhos.  
Não os entendo. Não me entendem.

<sup>3</sup> O poema, ainda com o título de “Balada triste”, foi publicado também no *Diário de Minas* de 21/5/1929. Em *Obra poética*, integra “A outra face da lua”, com um novo nome, “Balada da irremediável tristeza” (1990, p. 80).

(Essa biblioteca, que o perdoável fingimento da voz poética alega refugar, será evocada, em tom muito diferente, quarenta anos depois, em **Sofotulafai**). Em 1927, junto com as obras tradicionais, “Habeas Corpus” renega a prática literária pretérita. Com os velhos livros, joga fora rima e métrica, velhas formas fixas, especialmente o soneto:

Eu estava atrasado! Tão atrasado!  
Minha hora chispava de aeroplano,  
e eu com cara de besta andando de 2 ou de 4.  
Tartaruga e veado. Fiquei na rabada.  
E cansei. E ferrei no somno no meio do caminho.  
Somno tão grande, que não caberia dentro do meu quarto!  
Quando acordei, estava com este cheiro de mofo na alma.  
E senti em tudo o mesmo cheiro.  
Cheiro de mofo nas minhas roupas.  
Cheiro de mofo nos meus livros.  
Idem, idem na minha papelada.  
Idem, idem nos meus versos.  
Meus versos! Quadras! Quadrinhas. Tão mimosas. Tão engraçadinhas.  
Tão coitadinhas!  
E sonetos. Oh! Sonetos! Sonetos!!  
Medidinhos, contadinhos ali no duro.  
Certinhos.  
Rimadinhos.  
Ajuizados.  
Ponderados.  
Uniformizados e bem comportados como meninos que vão para o collegio,  
e têm medo de fazer gazeta do sio Mestre.  
14 versos. Sempre 14 versos. Todos rimados!  
Êta symetria damnada! Êta medo! Êta covardia!  
Meus pensamentos, meus sentimentos, minha ALMA –  
– tudo metrificdo, rimado, mettido na fôrma  
como um tijollo! Pobre olaria espiritual!  
Tudo mettido na fôrma. Ou a fôrma mettida em tudo como  
um sapato Clark ou Fox daquelles que a Guanabara vende!  
Sapataria da minha arte!  
Minha ALMA presa no xadrês. Pão e água.  
Sentinellas terríveis da grammatica, da métrica  
e da rima rica fazendo guarda na porta  
Com espingardas e facões desta idade!  
(Renault, 1927, *Caderno II*, p. 77)

O anunciado pedido de *habeas corpus* vem a seguir, selando o pacto com a modernidade:

HABEAS CORPUS! HABEAS CORPUS!  
pra minha ALMA !  
A hora formidavel da libertação já berrou no ar.  
Este poema é escandalosamente sincero!

O texto termina com uma pergunta, em tom de desafio:

Quem foi que disse que eu era passadista?

Com o correr do tempo Abgar renegou esse poema. No depoimento já citado, às vésperas do século XXI, declara, sem maiores explicações, que sempre se envergonhou dele (p. 45). Não o incluiu em *Obra poética*, alheio ao interesse intrínseco e histórico “Habeas Corpus”, hoje curioso também pela ortografia antiga, que, em sua correspondência pessoal, nunca abandonou. Não é esse o único exemplo da exagerada autocrítica de Abgar. No mesmo depoimento (p. 40), taxa de “passadistas” os seus *Sonetos antigos*, sem atentar para sua profética valorização do pastiche, tão caro ao pós-modernismo. No meu entender, esses julgamentos servem apenas para ratificar a opinião de que nem sempre é o autor o melhor juiz de sua obra.

Se “Habeas Corpus” mostra o lado humorístico do Abgar moderno, “Felicidade”, composto na mesma época, revela sua face lírica. Julgue o leitor da beleza sóbria deste poema. Com ele, o poeta encena os “gestos de felicidade” que, em outro texto, propusera-se a ensaiar.<sup>4</sup>

#### FELICIDADE

Felicidade – o título tão comprido deste poema tão pequeno!

Felicidade – substantivo comum, feminino, singular, polissilábico.

Tão polissilábico. Tão singular. Tão feminino. E tão pouco comum.

<sup>4</sup> O texto, inédito, em prosa, consta do caderno de recortes. Em versos, o tema da felicidade, não muito afim à sensibilidade melancólica de Abgar, surge em sua juvenília, numa estrofe desprezível publicada na *Revista Acadêmica* da Escola de Direito em agosto de 1921:

Felicidade! Quantas doudas almas  
aqui a buscam entre mil abrolhos!...  
Para nós, ella está nas ansias calmas  
das tuas mãos presas nas minhas palmas,  
dos teus olhos sonhando nos meus olhos...

O tema volta em um soneto canhestro, publicado em *Correio Mineiro* de 21/6/1926. Evoca o Simbolismo de *A princesa e o pagueiro*. Sem seu apuro formal, é excluído de *Obra poética*, mas vale como registro biográfico da lua de mel de Ignez e Abgar:

#### A INGENUA FELICIDADE

À unção crepuscular do teu olhar,  
subitamente vae-se a minha vida  
espiralando, aerea e entontecida  
numa voluta de perfume no ar

Ao gesto dessa mão miracular  
meu céu e minha estrada desflorida  
rasgam-se numa esplendida ferida  
de flores e de estrelas, a brilhar.

E eu me ponho a caminhar, descuidado;  
e no meu sonho purificador,  
– sem lume, sem surrão e sem cajado, –

contemplando a paisagem verde e calma,  
vou sorrindo e sonhando, meu Amor,  
que Deus anda sorrindo na minh'alma.

Substantivo complicado, metafísico  
que cabe todo  
na beleza clara de alguém que eu sei  
e no sorriso sem dentes de meu filho.<sup>5</sup>

Em seu **Depoimento** Abgar declara que quando compôs “Felicidade” tinha abandonado preconceitos literários e sentia-se inteiramente aberto às conquistas da poesia moderna: “alcançara compreender o sentido fundamental do modernismo”. O poeta tem razão. “Felicidade” é moderno – modernista? – no sentido em que Drummond, nas palavras do próprio Abgar, já nasceu moderno: com “total despojamento retórico, uma ausência completa de qualquer ressonância verbal e de imagens coruscantes, uma pura nudez de expressão, ausência de rimas e liberdade métrica” (p. 42).

“Felicidade” consta em **A outra face da lua**, terceiro livro de **Obra poética**, onde aparece virtualmente idêntico à primeira publicação na revista **Verde**, excetuando a atualização ortográfica e a substituição de algumas palavras. Explorando as ambigüidades latentes na definição dicionarizada da palavra “felicidade”, recria poeticamente, sem idealizá-la, uma ventura real, ao lado de uma jovem mulher, com o primeiro filho nos braços.

Na verdade, o texto parece ter nascido virtualmente perfeito. Mesmo assim Abgar não deixa de burilá-lo, com o mesmo desvelo com que, em casa, rodeia o berço do primogênito. O cotejo com versões anteriores mostra que, na versão final, o pronome “todo”, mais grave e contido, substitui o coloquial “todinho”, e “beleza clara” toma o lugar de “bondade simples” e “graça simples”. A troca dessas expressões, paralelamente à “corporal iluminação” descrita em **A princesa e o pegureiro**, revela as qualidades encontradas na esposa.<sup>6</sup> Ela é “boa”, pura e simples (...) “fina”, “amavelmente inteligente”, e “bella”. Seus dons de “caráter, inteligência e sensibilidade” irão exercer “rara influência” sobre a vida do poeta, como declara mais de meio século depois.<sup>7</sup> Esses dons ornamentam a jovem esposa e a singela felicidade que, em 1927, encontra sua expressão no poema homônimo. Integram-se forma e tema, tal como o pastiche do barroco oferecera a fórmula para a frustração amorosa, e o Simbolismo para a lenta revelação do amor.

---

<sup>5</sup> Uma versão do poema foi publicada na revista **Verde** em outubro de 1927. Nela, em vez de “todo”, lê-se “todinho” e, em vez de “beleza clara”, “bondade simples”. Uma versão quase idêntica (na qual “todinho” é substituído por “todo”, e “bondade” por “graça”) é publicada na revista **Fon-Fon** em fevereiro de 1933.

<sup>6</sup> (...) “tu, embora sejas quem és, és também mulher... mulher antes de tudo. Sim, antes de seres boa, pura e simples; antes de seres fina e amavelmente inteligente: antes mesmo de seres bella, – és mulher, simplesmente mulher”. Desconfio que essas palavras, constantes de um texto em prosa “Cartas sem resposta”, dirigidas a “Minha amiga” na revista **Frou-Frou** em agosto de 1924, refiram-se a Ignez Brant. O texto encontra-se entre os recortes dos cadernos confiados a Affonso Henrique Renault.

<sup>7</sup> Essa declaração foi feita por Abgar em discurso de 1979, ao receber o título de Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1929, no mesmo tom despojado, o poema “Estado de Alma” continua celebrando a felicidade. Valoriza-a o prazer de sabê-la íntima, anônima numa grande cidade. Versão mineira do *flâneur* baudelairiano, a persona lírica vagueia por suas ruas. Transcrevo o poema, não incluído em *Obra poética*, embora merecesse melhor destino. Segundo o título, integra um conjunto maior, uma “antologia modernista”:

## ANTOLOGIA MODERNISTA

## XXVIII – Estado de Alma

Eu estava sozinho  
na rua larga da grande cidade  
Eu com a minha felicidade.  
Todo mundo passava,  
ninguém me via.  
Eu era estranho ali,  
olhando tudo com olhos estranhos.  
Eu estava perdido na grande cidade,  
sem conhecer ninguém, nem ninguém me conhecer.  
E como era doce, como era bom  
sentir minha felicidade anonyma  
rolando tumultuosamente,  
no coração indiferente da grande cidade!!<sup>8</sup>  
(Renault, 1927, Caderno II, p. 160)

Que “grande cidade” seria essa? A Belo Horizonte de 1929, provinciana capital, que só em 1940 ultrapassaria 200.000 habitantes? Aos olhos do poeta, comparada com a cidade natal, a pequena Barbacena, a capital mineira pareceria uma metrópole? Ou seria antes, abasileirada, a grande cidade do imaginário baudelairiano?

Diferentemente de “Estado de Alma”, “Poemeto Matinal”, da mesma época, deixa poucas dúvidas sobre o cenário em que se inscreve. É certamente Belo Horizonte ao início do século XX, de montanhas ainda intocadas pela exploração do minério de ferro, como intocado estaria o Pico Cauê de Itabira, que hoje sobrevive na paisagem de Drummond. Vindo de seu bairro, o autor implícito de “Poemeto” dirige um Ford pelas ruas já esburacadas dessa Belo Horizonte, que, como o automóvel, assemelha-se a uma criatura viva. Olhos e pés e narinas e lábios alertas, cidade e carro espelham o jovem adulto, que, recobrando a meninice, desperta alegremente para o seu cotidiano. Abgar deve estar realmente feliz para sentir-se assim às sete da manhã, ele que, deitando habitualmente tarde, detestava acordar cedo! Para os que conheceram esse seu vezo, é surpreendente esta celebração das primeiras horas do dia:

<sup>8</sup> Outra versão do poema, ligeiramente modificada, foi publicada com o título “Íntimista” em *O Jornal* de 27/8/1929.

POEMETO MATINAL

O ar da manhã beija a minha face.  
A minha alma beija o ar leve da manhã  
e olha a paisagem longínqua da cidade,  
que branqueja alegremente na distância  
e sorri humanamente  
um sorriso branco no caiado das casas  
que montam os flancos das colinas azuis  
e espiam pelos olhos escancarados das janelas.

7 horas. Vai começar a função.  
O despertar das sirenes fura liricamente  
o silêncio doirado da manhã.  
Parece que a vida acorda agora pela primeira vez  
e esfrega os olhos deslumbradamente...

Meu Ford fordeja dentro da manhã  
e sobe a rua velha do meu bairro,  
arquejando, bufando, fumando gasolina.  
Meu Ford a cabriolar nos buracos da rua descalça  
é um cabrito todo preto a cabriolar, prodigioso.  
O ar leve beija o radiador  
e beija a minha face.

A meninice de todo o meu ser  
na doirada névoa desta manhã!  
(Renault, 1990, p. 79)

Composto em 1927, no mesmo ano de “Felicidade”, o poemeto consta em *A outra face da lua*, tendo sido antes publicado, com versões ligeiramente diferentes, em diversos jornais. No *Diário do Comércio* de 17/5/1928, com o título “Matinal”, é precedido de uma nota, que ressalta (agora sem ironia) o novo rumo tomado por Abgar:

A poesia moderna chegou até Minas. A phalange modernista das alterosas é grandiosa. Os valores novos filiaram-se às novas correntes estheticas. Haja vista as ultimas produções de Abgar Renault, o fino poeta que todos nós admiramos. Abgar abandonou a rima e a métrica. É hoje o poeta da simplicidade. O verdadeiro poeta.<sup>9</sup>

O que essa avaliação não poderia prever é que não cessariam aí as metamorfoses estilísticas na poética de Abgar. Os livros posteriores revelarão fronteiras discursivas plurais, movediças, lugares enunciativos sempre cambiantes. Acompanham a lenta construção do sujeito pós-moderno de *Obra poética*, que simultaneamente encarna a continuidade e a ruptura da tradição.

---

<sup>9</sup> O poema aparece também no *Estado de Minas*, 16/5/1928, e em *Festa*, 1/2/1928. Há ainda a tradução feita por Alberto Guillén, para o livro *Poetas juvenes de America* (Madrid, 1930).

## ABSTRACT

By pointing out the relationship between Abgar Renault's life and his **Obra poética**, the text gathers elements for the elaboration of the poet's literary biography. It focuses especially on the process of textualization of lived experience which marks off the transition from the poet's early output to a style stamped by the heritage of modernism. A claim is also made for the reading of **Obra poética** as a post-modern text, featuring the pastiche of successive movements in twentieth-century Brazilian poetry.

**Key words:** Abgar Renault; Literary Biography; (Post-) Modernism.

## Referências bibliográficas

- A. C. Sobre a Mesa. Verde. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 5/11/1927.
- COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Modernidade de Abgar Renault: obra poética – criação e transcrição. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm (Org.). *Abgar Renault*. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Letras da UFMG, 1996. p. 9-32.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Abgar Renault – poeta sem rótulos. In: *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte: Ano 79, v. XXII, p. 17-32, set. 2001.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Textualização do vivido e pastiche pós-moderno: sonetos antigos de Abgar Renault. In: *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 83, maio, 2002.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Corporal iluminação: simbolismo e textualização do vivido em *A princesa e o pegureiro*, de Abgar Renault. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, Fale/UFMG, v. 22, n. 31, p. 133-134, jul./dez. 2002.
- RENAULT, Abgar. A ingênua felicidade. *Correio Mineiro*, Belo Horizonte, 21/6/1926.
- RENAULT, Abgar. Habeas-Corpus Literário. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 25/5/1927.
- RENAULT, Abgar. Felicidade. *Verde*, Cataguazes, out. de 1927.
- RENAULT, Abgar. Matinal. *Diário do Comércio*, Belo Horizonte, 17/5/1928.
- RENAULT, Abgar. Cartas sem resposta. *Frou-Frou*, Rio de Janeiro, ago. de 1929.
- RENAULT, Abgar. Intimista. *O Jornal*, Belo Horizonte, 27/8/1929.
- RENAULT, Abgar. Felicidade. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, fev. de 1933.
- RENAULT, Abgar. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- RENAULT, Abgar. *Depoimento*. Abgar Renault. OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm, p. 33-50.
- RENAULT, Abgar. Felicidade. In: *Revista Acadêmica da Escola de Direito*, Belo Horizonte, ago. de 1921.
- REZENDE, Henrique de. Cataguazes, que surpreendeu o Brasil que lê, com a revista *Verde*. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 29/1/1932.